

IN MEMORIAM

LEO SPITZER

(VIENA, 1887 — FORTE DEI MARMI, 1960)

Na idade de 73 anos desapareceu no dia 16 de Setembro de 1960, em Forte dei Marmi (Lucca), da cena deste mundo, levado por uma crise cardíaca, na pessoa do Professor Leo Spitzer, uma das inteligências mais lúcidas entre os romanistas contemporâneos. Ainda pouco antes da sua morte inesperada assistira ao VIII Congresso da Sociedade Internacional de Línguas e Literaturas Modernas em Liège, onde proferiu uma conferência sobre a evolução internacional da estilística, que devia ser a última do grande Mestre da Romanística. Embora o autor destas linhas nunca tenha tido contactos directos com o falecido, parece-lhe que não faz senão cumprir um grato dever, em nome de todos os romanistas, dando conta, nas páginas desta Revista, do falecimento de uma figura do maior destaque dentro da nossa especialidade. Que outros que mais de perto lidaram com Leo Spitzer digam a sua palavra sobre o homem! O nosso intento é unicamente evocar aqui a memória do investigador.

Leo Spitzer nasceu a 7 de Fevereiro de 1887 em Viena de Áustria. Naquela cidade fez os seus estudos, que terminou em 1909, apresentando uma tese sobre a *Wortbildung als stilistisches Mittel, exemplifiziert an Rabelais*, onde apontava já o o rumo que os seus interesses iam tomar (1). Depois de o jovem

(1) «(...) travail qui, malgré ses imperfections, contenait *in nuce* mes travaux postérieurs (...)», diz o próprio Spitzer in: *Le Français Moderne*, vol. 6, 1938, p. 216.

doutor ter passado alguns anos em Paris, Leipzig e Roma, anos que lhe alargaram consideravelmente os horizontes, encontramo-lo, a partir de 1918, como "Privatdozent" na Universidade de Bonn, onde é nomeado professor extraordinário em 1921. De 1925 a 1930 ocupa a cátedra de Filologia Românica em Marburgo, e de 1930 até à sua emigração, em 1933, a mesma cátedra na Universidade de Colónia. Atribulado por razões políticas e raciais, os baldões da existência fazem-no partir para a Turquia, onde, durante três anos, ensina na Universidade de Istambul. Em 1936 deixa este país e segue para a América, onde foi chamado pela Johns Hopkins University, de Baltimore. Aí ensinou até à sua aposentação. No semestre de verão de 1958 leccionou como *visiting professor* na Universidade de Heidelberg.

O clima inigualável da Viena poliglota na viragem do século e a grande escola romanística da universidade de então formaram o espírito do jovem erudito. Ao princípio, o estudo com Meyer-Lübke pareceu-lhe, segundo as suas próprias palavras, bastante árduo (1). Contudo, foi com ele que aprendeu a dar importância ao mais pequeno facto linguístico, a descrevê-lo e a procurar explicá-lo à sua maneira. O trabalho sistemático, pelo rigoroso método comparativo, do grande linguista e etimólogo que era Meyer-Lübke, não podia ficar sem deixar vestígios na sua obra. E assim é que, de facto, se nota a cada passo a sólida preparação linguística de Leo Spitzer e, apesar do seu afastamento

(1) Em *Mes souvenirs de Meyer-Lübke* (*ibid.*, p. 215) diz: «Je faisais personnellement grise mine à cette grammaire historique, qui ne semblait pas offrir l'essentiel de la philologie au débutant, ayant instinctivement en vue une philologie romane qui serait une histoire de l'esprit des peuples romans, et je me résignai avec difficulté à apprendre par cœur ces équations capricieuses que sont les lois phonétiques». E muito mais tarde, numa entrevista concedida ao *Johns Hopkins Magazine* (n.º 7, Abril de 1952, pp. 19-21 e 26), exprime-se de uma maneira muito semelhante: «The professor would spend days discussing the development of the 'e' in a particular text of thirteenth-century French, or the nasals in a remote Portuguese dialect. It was terrible, but the very asperities of the subject offered a lesson in objectivity and discipline». Para a sua autobiografia seja-nos permitido ainda chamar aqui a atenção para o artigo *Das Eigene und das Fremde* publicado em *Die Wandlung*, vol. I, 1945-1946.

da escola positivista, o ascendente que sofreu do grande mestre (1). Desde os seus tempos de Bonne acentua-se cada vez mais a sua reacção contra o positivismo e a influência de novas correntes, representadas por Vossler e Schuchardt. O seu conhecimento de grande número de línguas, a vasta e profunda cultura adquirida ao longo de uma vida movimentada, deram-lhe uma envergadura de espírito que lhe alargou o âmbito dos seus interesses muito para além das fronteiras da România. As suas abalizadas opiniões expressas em numerosos artigos e recensões críticas espalhados por revistas de meio mundo, são prova suficiente do seu saber enciclopédico. Dentro da exuberante problemática que a filologia encerra, conseguiu ainda reunir na sua pessoa as qualidades do especialista às do homem de cultura universal e humanística. Para ele não existia separação entre a linguística e a literatura. Não pode haver dúvida de que os impulsos que a Filologia românica dele recebeu contribuíram muito para a sua evolução. Desde a sua dissertação, a investigação estilística baseada numa concepção do estilo que poderíamos chamar individual ou pessoal, foi o domínio predilecto das suas pesquisas. Muito embora o método de Leo Spitzer, que ele próprio chama do «círculo indutivo-dedutivo» (2), seja altamente individual, e por isso mesmo dificilmente imitável, abriu novos rumos à investigação moderna do estilo. Leo Spitzer procurou sempre

(1) Nos seus *Souvenirs* já citados diz-nos (p. 213): «J'ai connu Meyer-Lübke quand il était mon professeur à Vienne, de 1906 à 1914, ensuite comme professeur à Bonn de 1919 à 1925, et je l'ai revu de façon passagère, en 1932 lors d'une conférence à Cologne comme professeur en retraite. [...] La première [étape] était pour moi celle d'un amour sans bornes, la seconde celle d'une critique plutôt négative, la troisième et la plus durable celle d'un respect reconnaissant tempéré par les expériences de ma vie mouvementée».

(2) Num artigo polémico contra Bruneau, *Les théories de la stylistique* (in: *Le Français Moderne*, vol. 70, 1952, pp. 165-168), dá-nos a seguinte explicação desse método: «[...] partir, dans l'étude du style d'une œuvre, d'un auteur ou d'une époque, d'un détail bien observé, ensuite en induire une vue d'ensemble hypothétique (d'ordre psychologique), qui ensuite devra être contrôlée par d'autres observations de détail — au fond le procédé de tout homme de science (étymologiste, physicien — et, depuis des temps immémoriaux, du bon critique littéraire)». Veja-se também *Linguistics and Literary History* (Princeton, 1948).

deslindar, por detrás dos mais insignificantes fenómenos linguísticos, o homem com a sua psicologia própria, para quem a língua não constitui só um meio de intercomunicação mas também uma possibilidade de exprimir toda a gama das suas paixões. Relacionando assim o estilo com a personalidade do homem, tudo quanto seja estilisticamente digno de nota num escritor ou num poeta, revela-se como expressão da sua personalidade. Desta maneira, ao contrário de Croce, por exemplo, a sua interpretação estilística não é em primeiro lugar estética, mas sim psíquica. Aos perigos do seu método, — ver num documento literário algo que se encontra para além dele —, soube Spitzer escapar, porque a orientação pelo texto constitui sempre a base da sua interpretação. Os seus artigos monográficos *Zu Charles Péguy's Stil*, *Zum Stil Marcel Proust's*, *Der Unanimismus Jules Romains' im Spiegel seiner Sprache (Eine Vorstudie zur Sprache des französischen Expressionismus)* e outros, na sua maior parte publicados primeiro em revistas, mais tarde reunidos nos *Stilstudien* (vol. II: *Stilsprachen*, 1928), são obras representativas da sua interpretação do estilo. Torna-se desnecessário recordar nesta curta notícia necrológica os principais trabalhos e críticas que Leo Spitzer escreveu e que testemunham da extraordinária variedade dos assuntos por ele tratados, revelando a cada passo o predominante interesse estilístico — mesmo quando se trata de assuntos mais estritamente linguísticos como nos seus magistrais *Aufsätze zur romanischen Syntax und Stilistik* (1918) —, porque já existe uma bibliografia dos seus estudos, que foi publicada no *Romanistisches Jahrbuch*, vol. V (1952), pp. 38-40. Embora seja sumária, contém o essencial da sua obra até ao ano de 1953 (1).

O investigador do estilo, que interpreta com uma sensibilidade artística extremamente rara nos filólogos, não se afastou nunca completamente da linguística. Mas, quer se trate de estudos etimológicos, quer de artigos sintáctico-estilísticos, sempre preva-

(1) Gustav Siebenmann dá na sua notícia sobre o falecimento de Leo Spitzer na *Vox Romanica*, vol. 19 (1960), alguns aditamentos (p. 412) e diz-nos que uma bibliografia completa está a ser preparada por A.G. Hatcher, colega de Leo Spitzer na Universidade de Baltimore.

lece à sua forte inclinação para os fenómenos espontâneos, individuais. Nos seus estudos de semântica histórica (*Essays in historical semantics*, 1948) onde «the protagonists will be words themselves, as used by writers of various periods» (p. 1), examina comparativamente a história de palavras comuns às principais línguas ocidentais em conexão estreita com a história das ideias. É o cunho greco-cristão da nossa civilização e do nosso léxico, a continuidade do conceito e do vocabulário garantida pelo elemento fixador, a religião, que se revelam nesses estudos. Os artigos sobre *milieu and ambiance*, sobre *race* (in: *Essays*), sobre *Classical and christian ideas of world harmony* (in: *Traditio*, vols. II-III, 1944-1945), mostram claramente a interdependência de palavras, ideias e tradições.

Leo Spitzer não nos deixou uma grande obra de conjunto e de síntese, mas temos como certo que prestou relevantíssimos serviços à filologia em geral e à romanística em particular. Marcou um lugar inconfundível no campo da filologia e a sua memória permanecerá viva em todos os que, depois dele, hão-de trabalhar neste campo. Para se fazer uma ideia da veneração em que era tido no mundo inteiro, bastará ter presente a colecção de estudos *Studia philologica et litteraria in honorem L. Spitzer* (Berne, 1958) que, por amigos e discípulos, lhe foi dedicada no seu septuagésimo aniversário natalício.

Os leitores desta revista recordarão o artigo *Zur cantiga da garvaia* (in: *R.P.F.*, III, 1949-1950, pp. 186-195).

Mogúncia, Janeiro de 1962.

HEINZ KRÖLL